

A ARTE DO FAZER-SE TRABALHADOR NUM MODO DE VIVER EM ITINERÂNCIAS ¹

Maria Gisele Peres ²

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as experiências de trabalhadores latino-americanos (não-brasileiros) na cidade de Uberlândia. Interessa discutir a produção artesanal de seus trabalhos enquanto uma alternativa que impulsiona seus modos de viver. Problematizo a produção de seus trabalhos, dando ênfase a suas andanças na busca de constituição de um público, o que também possibilitou compreender seus atos neste processo de transnacionalização da cultura, a maneira como eles se fazem trabalhadores num modo de viver em itinerâncias.

Palavras-chave: culturas, trabalho, experiências.

Abstract: This article discusses some reflections about experiences of Latin American's workers (non-Brazilians) in Uberlândia city. I have tried discussing their work as an alternative way of life. Thus, I analyze yours trajectory connected to a transnational culture. Both trajectory and transnational culture are important factors in the constitution of workers.

Keywords: cultures, work, experiences.

Ao realizar a pesquisa de mestrado tendo como foco os trabalhadores latino-americanos (não-brasileiros) que vivem na cidade de Uberlândia compreendi que, ao longo de suas andanças, esses sujeitos vão apreendendo saberes e fazendo escolhas que lhes possibilitam o prosseguir, contornando dificuldades e adversidades que possam surgir por estarem distantes de seus países de origem. As opções feitas por esses sujeitos possuem historicidades, o que revela diferenças e aproximações entre esses trabalhadores, assim como as alternativas criadas por eles em seus modos de viver e que lhes garante permanecer no Brasil ou mesmo continuar suas andanças pelo mundo.

Na diversidade de trabalhadores que compuseram o universo de reflexão deste trabalho encontram-se aqueles que produzem objetos de uso pessoal, como brincos, pulseiras, colares, utilizando na sua confecção materiais como linhas, sementes, palha, metais, couro; aqueles que trabalham o arame transformando-o em enfeites para casa em formato de flores ou animais com o nome de quem o comprou ou para quem o receberá de presente; outros são os músicos que gravam seus próprios CDs, tornando-se intérpretes de diversos estilos de música, enquanto outros ainda trabalham com a venda desse material.

¹ As reflexões presentes neste artigo fazem parte da dissertação de mestrado "Para além das fronteiras: Culturas e Experiências de Trabalhadores Latino-americanos. Uberlândia, 1990-2007", orientada pela Prof^a. Dra. Célia Rocha Calvo, no Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, defendida em 2008.

² Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é professora da Rede Pública do Estado de Minas Gerais.

Além dessa diversidade de produção, ao analisar suas narrativas percebi que as diferenças também se revelam no modo como concebem seus trabalhos e, por meio dele, como vivem suas itinerâncias impulsionados pela busca constante de constituição de um público para seus “arte-fatos”.

Embora os conflitos estejam sempre presentes, já que este trabalho se faz nas disputas no espaço, é ele que abre as possibilidades para que estes sujeitos construam seus modos de viver em itinerância, transformando-se ao mesmo tempo em uma estratégia à situação de “ilegalidade” em que se encontram devido à garantia de certa autonomia³.

Chamo atenção para a situação de “ilegalidade” em que muitos desses trabalhadores se encontram e que apontam em suas narrativas ao elaborarem, ao longo das entrevistas, suas experiências. Vejo que esta situação pode ser uma das pressões que os levam a trabalhar principalmente nas ruas das cidades.

Conversando com o músico peruano de 34 anos, Edwin Lars Sota León, ficaram claras as dificuldades que o considerado estrangeiro tem para encontrar um trabalho. Ao ser perguntado sobre como foi para conseguir regularizar seus documentos para sua permanência e sobre possíveis dificuldades, ele diz:

Já consegui logo, né? Mas tem muitas personas que tan indocumentadas, né? Tem muita persona que tá em situación é mais (inaudível) sobretudo pra trabalhar, né? Pra você trabalhar, né? Pra você trabalhar fichado assim pra otros ilegais, né? É mais complicado, né? Dificulta, por isso que tem muito estrangeiro aqui em Uberlândia, em Brasil tudo que, que eles optam por trabalho autônomo, né? É artesanía, CD, otros tipos de cosas, né? Vendas, né? Camelô, essas cosas.⁴

As suas escolhas se entrelaçam aos limites que a situação de “ilegalidade” e a condição de trabalhadores lhes impõem. Não basta querer outro trabalho, é necessário ser considerado “formal” e institucionalmente um “cidadão” brasileiro, é necessário adquirir os documentos de nacionalidade, pois sem eles não há possibilidade de escolherem outros modos de trabalhar e sobreviver.

A narrativa do músico Edwin evidencia como o trabalho que realiza o vai conduzindo a este modo de viver em itinerância que ao mesmo tempo possibilita seu viver. Ao ser perguntado por que escolheu vir para o Brasil ele responde:

Então, a gente como músicos que la gente é la gente já viajou muito, muita parte do mundo, né? Europa, parte de aqui de América como Equador, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Paraguai, então, la gente viu una, una boa, boa expectativa de trabalho aqui, né? Faz tempo que la gente veio aqui que foi faz, mais ou menos a oito anos atrás, né? É, no tinha muitos músicos por aqui, né? Entón, era una novidade o trabalho andino que la gente faz, né? Os instrumentos de sopros entón la gente veio, apareceu aqui, né? Então, la gente gostou, foi ficando, ficando e ficou, né? Hasta ahora.⁵

³ Ao me referir a autonomia entendo-a não como sinônimo de liberdade, mas como mediada pelas relações que tensionam os viveres desses trabalhadores. Sobre esta problemática.

⁴ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Edwin Lars Sota León, no dia 14 de junho de 2006.

⁵ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Edwin Lars Sota León, no dia 14 de junho de 2006.

Em seu horizonte de expectativas o Brasil surgiu como uma possibilidade para ganhar a vida, assim como, anteriormente foi a Europa, o Equador, a Venezuela entre outros países que buscou como alternativa para viver. Ficar no Brasil só aconteceu por ser seu trabalho uma “novidade” o que lhe abriu então espaço para, além de sua produção, viver aqui com sua família.

É interessante notar que o trabalho andino e os instrumentos de sopro aos quais este trabalhador se refere são formas de trabalhar que marcam sua diferença. Embora possa ser visto pela indústria cultural como mais uma “peculiaridade” a ser monopolizada, transformada e importada como uma mercadoria folclorizada, para o Sr. Edwin significa transformação de sua cultura em um modo de viver e trabalhar.

Tomando as palavras de Stuart Hall acredito que, “o que vem ocorrendo freqüentemente ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo” (HALL, 2006:232). No entanto, este processo de transformação, embora muitas vezes o enxerguemos apenas como conformação, significa também persistir, afinal, concordando com Hall percebo que “não existe uma ‘cultura popular’ íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e dominação culturais” (HALL, 2006:238).

É nesse sentido que percebo em suas narrativas momentos de conformação, mas também de resistência na luta social travada por esses trabalhadores num campo de tensão contínuo entre eles e a classe que se quer hegemônica, o que permite pensar as culturas não apenas como formas de vida, mas como formas de luta.

Interessada em saber se este trabalhador acredita que é possível viver bem com o trabalho que realiza indaguei ao Sr. Edwin sobre isso e ele respondeu:

[...] aqui em Uberlândia não pode viver sempre da, de tocar não, pois é mais complicado, né? O pessoal enjua então você tem que está mudando, né? Como tá viajando. [...] Entón, as vendas vão baixando, baixando, então, tem que estar mudando.⁶

Mesmo que se estabeleça durante alguns meses, ou até mesmo anos, em uma cidade, este trabalhador, assim como muitos outros que realizam este trabalho, está em um constante movimento que oportuniza o viver. A partir de sua narrativa pude compreender que para que ele possa viver bem sua vida, sustentando sua família, faz-se necessário viver viajando. Suas andanças estão articuladas à produção de um público, afinal, “o pessoal enjoa então você tem que está mudando, né?”⁷

Fiquei pensando o que seria essa idéia do “enjoar” de seu trabalho e suas andanças devido a este problema senão a busca de impedir uma possível massificação de sua produção? Afinal, massificar pode significar entrar na lógica da banalização, retirando de sua música o potencial que a traduz como repertório de práticas de sujeitos e culturas nas relações de troca, nos atos de conhecer o outro na linguagem com a qual este outro se apresenta publicamente.

⁶ Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

⁷ Idem.

O procedimento de difusão, espetacularização e expropriação em que a cultura é “fetichizada”, virando mercadoria principalmente por meio das grandes indústrias transnacionais e de turismo que deslocam os significados firmados numa cultura, é disputado por estes trabalhadores. Ao se inserirem e significarem este processo e resistirem às tentativas de exclusões ou simples folclorização, se adaptam a ele e imprimem seus valores a produtos que são vistos por muitos como simples peculiaridades.

No entanto, mesmo que o fascínio pelo exótico possa ser reelaborado e apropriado por esses trabalhadores como uma forma de resistir às pressões do mundo capitalista, não podemos esquecer que este processo no qual estão inseridos significa também desigual participação na formação do chamado patrimônio cultural.

Isto conduz, como chama atenção Néstor Garcia Canclini, a uma hierarquia de capitais culturais, onde diferentes grupos se apropriam de forma diversa das “heranças” culturais, selecionando aquilo que consideram de valor. Desta forma, o patrimônio torna-se um espaço de luta material e simbólica entre as classes. A seleção por grupos que detém o poder do que é considerado de valor em uma sociedade reproduz diferenças entre as classes, ao mesmo tempo em que exclui a produção cultural de certos grupos sociais.

Esta seleção busca absorver as manifestações culturais consideradas pelos grupos dominantes como “populares” principalmente com o intuito de controlá-las. Em um duplo movimento, ao mesmo tempo em que o Estado promove uma determinada cultura convertendo-a em patrimônio cultural, também tenta domesticá-la, desvinculando-a da classe que a produziu e vinculando-a a novas classes sociais, forjando assim uma tradição nacional, representante de certa nacionalidade.

A tentativa de forjar uma tradição não ocorre de forma neutra, segundo Raymond Williams, ela é sempre seletiva e expressa pressões e limites dominantes e hegemônicos, sendo um meio prático de incorporação que para isso toma um passado como modelo para o presente na busca de definir uma identificação social e cultural. Segundo Williams:

De toda uma possível área de passado e presente, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados. Não obstante, dentro de uma determinada hegemonia, e como um de seus processos decisivos, essa seleção é apresentada e passa habitualmente como ‘a tradição’, ‘o passado significativo’. O que temos, então, a dizer sobre qualquer tradição é que nesse sentido ela é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de continuidade predisposta. (WILLIAMS, 1979:119)

Nessa direção, o que vem sendo considerado de valor? Qual tradição cultural é vista como realmente significativa? Como esses trabalhadores latinos podem participar e usufruir de direitos provenientes de políticas, como aquelas advindas de leis de incentivo à cultura?

A valorização da cultura enquanto um meio para sobrevivência de diversos grupos e etnias move diferentes ações e está presente no Brasil e noutros países, significativamente no que diz respeito às políticas culturais. No caso específico, as ações da UNESCO no Brasil trazem a idéia de direito à diversidade, no entanto, está diretamente ligada à relação entre

cultura e desenvolvimento, portanto à idéia de economia criativa, como também o incentivo à expansão do turismo cultural.

Essas idéias materializam-se no documento produzido pela UNESCO onde foram definidas, por meio do Plano Nacional de Cultura, algumas prioridades que devem nortear suas ações entre os anos de 2005 e 2015. Dentre essas prioridades destaca-se: Administração Pública da Cultura; Direitos Culturais e Cidadania; Cultura e Desenvolvimento; Patrimônio Cultural; Comunicação é cultura. Essas prioridades têm como objetivo principal garantir o direito à cidadania e à cultura. No entanto, sua principal linha de ação para alcançar este objetivo se dá por meio da:

[...] promoção da relação entre cultura e desenvolvimento [...]. Dois pontos centrais podem ser identificados. O primeiro diz respeito ao impacto econômico da cultura. De forma geral, esse potencial é reconhecido no Brasil, mas pouco se fez para avaliar seu verdadeiro valor por meio da criação de bancos de dados e de um sistema permanente de avaliação. A UNESCO poderia apoiar os esforços das instituições públicas nesse sentido. O segundo campo de ação diz respeito à Convenção sobre Diversidade Cultural. O artesanato tradicional, as pequenas manufaturas, a moda e o design são áreas estratégicas para o Brasil, tendo em vista a gama de produtos oferecidos e sua capacidade de melhorar as condições de vida dos grupos mais pobres. (UNESCO, 2006:45-46).

A possibilidade de alcançar com sucesso esses objetivos está, segundo o próprio documento, no crescimento da consciência da dimensão econômica que possui este setor e principalmente da ação estatal que passa a afirmar a cultura como setor estratégico, promovendo campanha nacional em favor da definição de um orçamento mínimo para a cultura.

Para concretizar esses objetivos é apontada ainda a necessidade de capacitação e do compartilhamento de conhecimentos. Isso significa que, dentro dessas ações, a cultura como um direito encontra seus limites no momento em que vem a possibilitar ou não o desenvolvimento econômico.

Além disso, o que me chama atenção é que o investimento em turismo cultural, em artesanatos, gastronomia, entre outros, está diretamente ligado aos possíveis significados que estes possuem enquanto representantes de uma cultura regional ou mesmo como expressão de nacionalidade. É enquanto um testemunho de uma cultura nacional que o Estado escolhe e busca promover a criatividade cultural de uma determinada região ou comunidade.

Tendo em vista este horizonte fico pensando como estes trabalhadores latinos poderiam participar desse processo de incentivo à cultura já que suas produções culturais não podem ser “classificadas” como nacionais, afinal, não são consideradas típicas de nenhuma região do país e, como bem sabemos, busca-se promover a produção cultural que seja reconhecida como símbolo de certa nacionalidade.

Ao refletir sobre estas questões penso que para além delas não podemos esquecer que estes trabalhadores são conscientes desta valorização da “cultura” e por se apropriarem dela não significa que dão a esta produção o mesmo sentido dado pelas políticas culturais produzidas por órgãos governamentais que focalizam principalmente o desenvolvimento econômico do país ou de determinada região. Até mesmo porque, como já foi apontado, o que estes trabalhadores produzem não é visto como “um modo de fazer tipicamente brasileiro”.

Conscientes das possibilidades que o trabalho abre, estes sujeitos se deslocam, viajam e interferem ativamente no processo de globalização, criando assim alternativas para melhores condições de vida em diferentes partes do mundo.

Ao entrevistar o músico Henrique Miranda, peruano de 30 anos que estava na Praça Tubal Vilela, pergunto-lhe por que ele veio para Uberlândia e ele responde:

Não, na realidade eu no, isso faz parte do meu trabalho, hoje em dia faz parte viajar assim em diferentes cidades, né? Para fazer o meu trabalho que é divulgação do meu trabalho, CD, né? É assim, no só Uberlândia no, grandes cidades do Brasil e América Latina e América Central.⁸

Evidencia-se na narrativa deste trabalhador que sua escolha não foi pela cidade de Uberlândia enquanto um espaço físico onde poderia se estabelecer definitivamente. Sua opção faz parte de seu trabalho enquanto um modo de vida que o (re)direciona para diversas cidades na busca por um público, sem separar produção e divulgação afinal como ele mesmo diz ele está em Uberlândia por seu trabalho “que é divulgação do meu trabalho, CD, né?”⁹.

Assim como o músico Edwin, as criações musicais do Sr. Henrique são articuladas à necessidade de constituir um público para o que produz e por isso também a viagem se torna parte de sua vida.

Sobre esta necessidade de constituir um público para seus trabalhos fala ainda o Sr. Henrique quando perguntado se as músicas com as quais trabalha são restritas à cultura de seu país:

Olha, no início da, da carreira de músico nós fazíamos uma música así bastante música nacional de meu país, após o tempo así já visitando otros países la gente resolveu fazer música já mais así de internacional, que como la gente estava fazendo um poco de música así digamos así entre aspas é “música comercial”, resolvemos fazer regravações de, de, de música internacional, así bandas así como Scorpions, The Gueen, Jon Bon Jovi, The Eric Clepton e así grandes bandas, grandes compositores, grandes músicos mesmo [...] aqui, em qualquer lugar do mundo todo mundo conhece essas bandas que eu já te falei... Quase em tudo mundo, não só em país de habla hispana, né? Em otros países de otras línguas conhecem essa turma porque são muito famosas e a diferença é que la gente faz, assim, música bem orquestrada, tipo sinfônica, né? Orquestra sinfônica, entón, é isso que faz a diferença nosso trabalho com otros trabalhos, né? Eu acho que, é, os integrantes da turma son de diferentes países, não é? Entón, a, o pensamento, a idéia que tem cada um deles ajuda muito nessa diferencia que faz nosso trabalho com os otros trabalhos.¹⁰

Sua narrativa evidencia que no processo de adequação da produção há também a impressão de um valor, afinal, são eles que escolhem o que vão produzir com vistas a alcançar um determinado público já conhecido por eles.

Para além do valor agregado em suas produções está também o valor dado por eles que pode ser percebido por seus critérios de escolha. No caso do músico Henrique a primeira opção foi a música de seu país, o Peru, no entanto, ampliando as dimensões de alcance de seu

⁸ Entrevista realizada com o Sr. Henrique Miranda, em Uberlândia, no dia 25 de novembro de 2006.

⁹ Idem.

¹⁰ Entrevista realizada com o Sr. Henrique Miranda, em Uberlândia, no dia 25 de novembro de 2006.

trabalho agregou também aquilo que ele chama de música internacional que pode atingir um público mais amplo.

Cabe ressaltar que esta ampliação não significa a simples introdução de novos estilos musicais em seu repertório, ao escolher estas músicas são também feitas adaptações, produzindo o que ele chama de música bem orquestrada o que para ele diferencia seu trabalho.

Compreendo que ao transformar sua produção para um público este trabalhador busca ampliar as possibilidades de seu trabalho numa conjugação de submissão e ao mesmo tempo resistência ao processo de mercantilização da cultura. Agregar e recriar músicas que são conhecidas em vários países significa se inserir em um circuito transnacional que ao se apropriar dos bens culturais de diferentes povos dissolvem o sentido social de sua produção.

É interessante notar também que este trabalhador ressalta sua diferença por meio de sua cultura e da dos demais trabalhadores que compõem o grupo de músicos do qual faz parte. Esta diferença salientada em sua narrativa permite perceber suas culturas enquanto “um terreno sobre o qual as transformações são operadas” (HALL, 2006:232). Como um campo onde cotidianamente luta-se por um lugar na sociedade. Ou seja, cultura enquanto espaço de tensão, de luta por direitos, cidadania e reconhecimento.

Isso permite compreender que não é apenas o processo de globalização no abstrato que gera transformações na vida desses sujeitos, mas principalmente as transformações que vão sendo gestadas pela própria classe trabalhadora na relação com outras classes, relações que muitas vezes significam disputa por valores.

Para além dos músicos, o circuito de produção de música artesanal não se restringe aos intérpretes, mas é ampliado à medida que existem outros trabalhadores que passam a trabalhar especificamente na venda deste tipo de material. Ao entrevistar o Sr. Isaías, chileno de 50 anos, vendedor de CDs de música andina, indaguei-lhe como ele começou a trabalhar especificamente com a venda desses CDs, insisti em saber de onde surgiu esta idéia e ele disse:

Ah, foi por causa de um colega meu que chegou aqui vendendo CD, o peruano, o Héber, né? E o Héber viu que eu trabalhava com CD pirata, CD pirata daqui desses CDs comuns que estão por aí, né? Ele me disse “CD pirata dá problema!” Eu sei que dá problema, mas eu tô fazendo isso no, no sei que posso fazer, ele falou: “junta o seu dinheiro e eu le vendo material e você trabalha com CDs andinos, são melhores, são menos concorrido e no son piratas”, então fizemos a sociedad, por isso entrei nesse CD andino.¹¹

A perspectiva de que o trabalho com CDs de música andina poderia ser mais seguro, pois não é um material pirata, com certeza foi um meio encontrado para escapar dos problemas com os fiscais. No entanto, o que me chamou atenção foi como o problema de estar vendendo CDs piratas foi resolvido por meio da existência de uma rede de relações que o liga a outros trabalhadores, tornando possível então a mudança, abrindo-lhe outra perspectiva de trabalho.

Além disso, cabe destacar a expectativa de inserção diferenciada que este tipo de produção poderia lhe proporcionar. Visando driblar a concorrência este trabalhador opta por

¹¹ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, no dia 14 de junho de 2006.

vender esse tipo de produção musical, fruto de relações que são construídas entre estes trabalhadores por meio da amizade e companheirismo.

O valor que possui o trabalho realizado por eles enquanto uma alternativa pode ser percebido em outras narrativas. Esse valor evidencia-se no enredo tecido pelo Sr. Fernando, argentino de 27 anos, quando ele, para falar sobre o problema dos fiscais e como essa situação os faz sentir como ladrões, diz:

Impotente nos fiscal, contra os fiscal, porque você tá impotente você não pode alegar nada, não pode falar nada, os cara vem mal, é, sin educação, pega seus trem, joga pra dentro da sacola e tchau o que, aí você que fica así ó, como vai fazer manhã pagar nosso pão. Porque eles te levam até as ferramentas se eles quer, eles quer levar, eu não dexo, eu não dexo, eu brigo por isso, mas eles tem o coragem de falar levar, que eles quer me levar minhas ferramentas, eu falo “se tu levar minhas ferramentas, tu vai ter que levar minhas mãos também, porque minhas mãos são da minha ferramenta” e eu não vendo ferramenta, entendeu? Porque se eles quer levar minhas ferramentas, leva minhas mãos, então. Me coloca dentro de uma sacola porque a máquina sou eu que faz.¹²

A privação dos atos de praticar sua arte, de fazer seu trabalho, o que lhe faz sentir-se impotente, pode ser contornada pela produção “autônoma” dos objetos que vende. É nesse sentido que o artesanato, enquanto uma ação alternativa é considerado por ele uma arte e uma opção que lhe dá mais “liberdade”.

Continuando sua narrativa o Sr. Fernando afirma que em “qualquer lugar do mundo que eu vou eu sou artista, em câmbio, fiscal é só aqui no Uberlândia, fiscal eles são aqui, em câmbio eu sou artista em qualquer lugar”¹³. Sua fala carrega o sentido que atribui a seu trabalho e o valor que ele possui. Para este artesão, ser um “artista” como ele, é ter a possibilidade de viver em itinerância, em estar em diferentes partes do mundo e, principalmente, ter seu trabalho reconhecido.

Ao perguntar ao Sr. Fernando sobre o porquê da escolha de Uberlândia para viver, ele diz:

A que mais eu, em realidad, realidad, eu vou te falar que eu no fico em Uberlândia. Na realidade eu pego quando venho fico uma semana, duas semanas e já vou embora para outro lugar. O sea, aqui eu tenho minha casa, minhas coisas, decidi morar aqui por causa do que eu te expliquei, por causa do trabalho, do trabalho no, do, do, do, que es barato viver aqui e por causa dos material que preciso pra trabalhar. Depois desso, eu não fico muito em lugar, em ningum lugar, o máximo que he ficado aqui em Uberlândia há sido um mês, depois de um mês já ou aparece alguma festa ou decido ir a outra ciudad por causa mismo de meu trabalho, como o meu trabalho es algo que alguém quando compra no compra de novo, aí necessito vol..., procurar um novo mercado porque meu trabalho ele é (inaudível) e vem trazer novidade. Es, meu trabalho tem eso, (inaudível) novidade é bom, mas quando es sem novidade já todo mundo tem já no es mais bom, procurar outra cidade que sea novidade de novo.¹⁴

¹² Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

¹³ Idem.

¹⁴ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

Para este artesão estar em Uberlândia neste processo de trabalho que vive está diretamente ligado às condições de busca por um novo mercado de trabalho. Por isso sua escolha por esta cidade não se desliga de seu trabalho mesmo que isso signifique um local fixo para um viver movido por itinerâncias. Ao mesmo tempo não desvincula seu trabalho de sua vida: “es barato viver aqui e por causa dos material que preciso pra trabalhar”¹⁵.

A importância de se ter uma moradia fixa apareceu em outras narrativas, como por exemplo, na entrevista que fiz com o Sr. Marcelo, uruguaio de 52 anos, quando lhe perguntei se ele e sua esposa voltariam a Uberlândia já que haviam me dito que tinham intenção de irem para a cidade de Anápolis-GO e ele me respondeu:

Si, vamos fazer o seguinte, vamos deixar alugado aqui se Deus quiser, é já falei, já falei com a senhora porque a gente pensava ir a Rio de Janeiro naquela época dos Rolling Stones e tal que eu peguei uma gripe, increíble, né? E, ela tem um número de conta, então, a gente tiraria o dinheiro, mandaria o dinheiro pelo banco pra ela pra deixar aqui como morada fixa. É bom ter um lugar fixo, entendeu?¹⁶

Suas experiências dos modos de morar estão diretamente articuladas aos modos como trabalham e da conseqüente necessidade de viajar, o que transforma as relações de moradia ou mesmo engendra diferentes formas de morar que por vezes acontece por meio do aluguel, mas há também os períodos em que ficam nas casas de colegas de trabalho que conheceram durante as viagens, em albergues ou mesmo em barracas.

É bom ter uma moradia fixa, no entanto, além disso, fiquei pensando que esta morada, que não significa necessariamente propriedade, pode conter a expectativa de um dia realmente poder ficar e trabalhar sem ter a necessidade de sair constantemente em busca de um novo público para suas produções, e que o permanecer não signifique transformar seus trabalhos em algo comum ou mesmo massificado.

Sua narrativa também explicita alguns motivos que os levam a sair, neste caso o show dos Rolling Stones no Rio de Janeiro, em outros momentos feiras ou shows em nossa própria região, no verão as praias para trabalhar. Este constante movimento liga suas produções à divulgação por eles mesmos de seus trabalhos.

Além da constante necessidade de buscar novas cidades para venda e divulgação de suas produções, chamou-me a atenção ao longo das entrevistas que iam sendo gravadas a idéia de que o trabalho artesanal é sinônimo de criatividade. Isso me levou a refletir sobre o significado que esta forma de trabalhar tem na vida desses sujeitos.

Ao entrevistar o Sr. Marcelo e lhe pedir para que falasse sobre o trabalho que realiza, este trabalhador trouxe em sua narrativa o tema da fiscalização, mas contestando-o e justificando seu direito ao trabalho da seguinte maneira:

[...] la fiscalización no respetan la constitución porque eu estou ligado, no me lembro bien qual es lo inciso e todo aquilo, pero um artesano de Cascavel una vez leió pra mim directamente da constitución que tanto lo artesanato como la artesanía e como la arte é, tenía, tem livre exposición em Brasil

¹⁵ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

¹⁶ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

constitucionalmente, aí é bastante estranho que, que são brutales incluso, no?¹⁷

Sujeito consciente e ativo, mostra-se conhecedor de seus direitos que são garantidos pela Lei, independentemente de sua nacionalidade. Sua forma de requerer direitos a ocupar aquele espaço através da Constituição brasileira permite ainda pensar como ele busca romper com uma cidadania excludente, uma vez que exige também para ele o cumprimento de uma lei produzida pelo Estado brasileiro.

Assim como o Sr. Marcelo, o artesão Alejandro Schwindt, argentino de 30 anos, fala de seu direito em estar em um local público tendo como base a Constituição brasileira. Durante a produção da entrevista perguntei-lhe se havia problemas em seu trabalho com os fiscais ou com a polícia e ele respondeu:

Bueno, los fiscales perturbam muito aqui em Uberlândia, é, muitas vezes querem pegar os trabalhos da gente [...] pero em la constitución nacional brasileira aquele que faz arte, lo que eu faço es arte tem direito a trabalhar e não pode perturbar os fiscais só que, é, ellos não respetan a constituição nacional que ellos fizeram, é, ellos, é, falam que aqui quem manda son ellos, pero... Ellos passam por encima de una lei que é de Brasil...¹⁸

Assim, embora sejam considerados estrangeiros pelo Estado brasileiro, buscam fundamentar sua presença nas diferentes cidades e o direito ao trabalho por meio da Constituição brasileira. Possivelmente estes entrevistados referem-se à Constituição Nacional de 1988, artigo 250, seção II, Da Cultura, que diz: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.

Ao conceberem seus trabalhos enquanto uma arte torna possível se valer da lei para firmar suas presenças e exigir respeito. Assim interpretam a Constituição enquanto aquilo que lhes pode garantir o direito aos espaços da cidade, ao desenvolvimento e produção de seus trabalhos, enfim, o direito a viver sendo respeitados e valorizados naquilo que fazem.

Ainda falando de sua experiência de trabalho nos espaços da cidade de Uberlândia, o Sr. Marcelo permite ampliar esta reflexão sobre o trabalho ligado à arte, portanto, mais livre, quando diz:

Então, é, é, em nosso caso, é, nosso trabalho graças a Deus está em harmonia com, com nosso sentir, no é, no é um trabalho que a gente sinta como uma obrigação, eso es una feita muito importante, tá legal? E esse se há feito que nos dá coragem e también nos dá um poco de paciência que a gente às vezes perde, é com esses tipos de inconvenientes assim como una fiscalización injusta porque la arte e la artesanato é, não fazem competência com ninguém porque el artesano sempre está criando coisas, no, no es así como por exemplo você é um loja e vai otra e vê, os mismos diseños, aquela modinha, entendeu? É, são coisas realmente que tão perto de arte, perto de arte e que

¹⁷ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodríguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹⁸ Entrevista realiza com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, na Praça Clarimundo Carneiro, no dia 15 de setembro de 2006.

dão alegria incluso aos lugares públicos, atraem turismo e digo tem um gran valor realmente, así como de, de crescimento social e cultural.¹⁹

No enredo que o Sr. Marcelo vai construindo ao ser instigado por minhas perguntas, ele atribui ao trabalho que realiza certa autonomia, algo que não é apenas uma obrigação, mas principalmente uma arte. Apesar de vender produtos como qualquer trabalhador que está na Praça Tubal Vilela, ele entende que aquilo que faz foge de padrões impostos e por isso destoa de outras produções oferecidas no mercado, o que diferencia seu trabalho dos demais.

Ao dizer que “no é um trabalho que a gente sinta como uma obrigação”²⁰, fico pensando neste a gente como uma forma de traduzir seu sentimento de que não está sozinho. As expressões no plural, como “nosso caso”, “nosso trabalho”, “nosso sentir”, demarcam, juntamente com “a gente” a idéia de grupo²¹. Em sua narrativa ele delimita e se identifica a um grupo que compartilha experiências em comum, definindo-se por meio de suas práticas e vivências, nas maneiras de experimentar as relações de trabalho e mesmo de dominação.

Ao diferenciar-se e ao mesmo tempo identificar-se com um grupo, este trabalhador coloca do outro lado a ação dos fiscais como algo injusto, pois impõe limites ao seu modo de viver e trabalhar.

Além disso, a negação do Sr. Marcelo ao dizer “una fiscalización injusta porque la arte e la artesanato é, não fazem competência com ninguém”²² permite refletir sobre outros motivos para a intensa fiscalização. Fiquei pensando, a partir de sua narrativa, se a idéia de que os produtos que vendem competem com os vendidos nas lojas não seria também uma forma utilizada para justificar a presença dos fiscais e encobrir outros interesses, principalmente aqueles ligados à vontade das classes dominantes de “ordenar” a cidade hierarquizando seus espaços. Desta forma, sua narrativa permite a percepção dos conflitos e disputas que vivencia, as tensões presentes no espaço que requer como seu por direito.

No entanto, o mais interessante é que, por saber como são vistas as pessoas que realizam este tipo de trabalho, o Sr. Marcelo justifica sua presença neste espaço não só por meio da lei que lhe foi informada por um colega, mas também pelo “crescimento social e cultural”²³ que proporcionam. Percebo este valor atribuído ao seu trabalho também como uma forma de qualificar seu público que seria aquele mais ligado à arte, aquele que foge dos “mismos disenhos, aquela modinha”²⁴.

No processo de apropriação e reapropriação vivido este trabalhador busca se firmar por meio do reconhecimento de que o que faz não é algo comum ou simples mercadoria, mas possui valor, agrega uma cultura onde ele se reconhece. Sujeito imerso no processo de globalização cultural, disputa, resiste e por vezes se adapta ao processo do qual faz parte.

Consciente do que significa hoje o trabalho com o artesanato e conhecedor da enorme dimensão que esta prática alcançou nos últimos anos tornando-se não apenas fonte

¹⁹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

²⁰ Idem.

²¹ Na língua espanhola a expressão “la gente” aponta para “as pessoas de um modo geral” e não para o sentido de “a gente” em português que até substitui o pronome “nós” na conjugação verbal. Na fala do entrevistado ficou claro que as duas línguas compartilham o mesmo ato discursivo, ou seja, mescla as idéias que quer expressar em um português invadido pela língua materna e vice-versa.

²² Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

de sustento para inúmeras famílias, mas também chamariz para turistas interessados em consumir este tipo de produção cultural, este trabalhador traz a idéia de que seu direito em estar naquele espaço não se fundamenta apenas na necessidade e no direito que possui de trabalhar, mas também por estar produzindo objetos artísticos que “dão alegria incluso aos lugares públicos, atraem turismo”²⁵.

No entanto, percebo que o trabalho que realizam, mesmo permeado pelo processo de transnacionalização e mercantilização da cultura, se traduz e diferencia-se a partir de suas experiências. Seus modos de trabalhar significam escolhas, opções realizadas, permeadas por tensões e necessidades que foram sendo dribladas ao longo de suas histórias. É uma saída encontrada para continuarem suas vidas, assim como anteriormente foram outras atividades.

Ao entrevistar a Sra. Norca, peruana de 33 anos, perguntei-lhe se no Peru ela também era artesã e ela disse:

Lá não. Nem pensava, nem sabia de eso. Lá, é trabalhei así, trabalhei como, em em taller de roupa costurando, depois trabalhei así como secretária. Eu, e daí trabalhei é, montei um restaurante pequeno assim, aí que ajudó, ajudou um pouco, eso trabalhei muito tempo, muito tempo até eu vir aqui, eso ajudou muito e depois quando eu cheguei aqui eu encontrei a meu esposo trabalhando de artesão e la gente aprendeu, acabou aprendiendo e tamos trabalhando nisso.²⁶

Em sua narrativa a Sra. Norca fala da necessidade em estar sempre trabalhando, o que faz pensar que, embora suas experiências sejam diversificadas, esta artesã traz em seu enredo sua condição de trabalhadora, não importando assim, o tipo de trabalho realizado, mas as experiências que demarcam os limites de seu viver.

Os diversos trabalhos realizados por ela levam a refletir sobre as condições de vida que são colocadas aos trabalhadores e como estes criam alternativas para contorná-las. Nesse sentido percebo que a produção artesanal foi mais uma alternativa construída por ela e por sua família para sobrevivência.

Assim como na narrativa da Sra. Norca também interpretei na narrativa do Sr. Marcelo o trabalho artesanal como uma escolha feita para melhoria de sua vida. Ao lhe perguntar se ele alguma vez já havia pensando em deixar de trabalhar com artesanato ele respondeu:

É, vou te falar, eu tenho 52 años e estou fazendo artesanato a, dos vinte anos, eu tive período de trabalho com artesanato e tive período em que estudé, tive emprego que trabalhé em psicologia, trabalhé com yoga, fui promotor de vendas, sei lá tudo o que a gente fez, entendeu? [...] Aí soy oficiale em pastelaria que foi o que eu trabalhei na Argentina, é, trabalhei com massagens, com dígitá pressão, aquele massagem chinês, é, sei lá, fiz tudo... Vendi perfumes, eu fazia os perfumes, pegava as essências em São Paulo, fiz de tudo, entendeu? Em 52 años e tive muitos años em que não fiz artesanatos, mas sempre gostei e aprendi muitas coisas já te falei.²⁷

²⁵Idem.

²⁶ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

²⁷ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

O que percebo é que ao longo de suas vivências o Sr. Marcelo foi construindo alternativas, buscando soluções que pudessem atender suas necessidades, encontrando brechas no processo de mercantilização da cultura, o que em um determinado momento fez com que o artesanato se tornasse um recurso econômico.

A realização, ao longo de sua vida, de diferentes trabalhos, alguns até mesmo curiosos leva a refletir sobre este viver em que se tem que saber fazer um pouco de tudo, em que se aprende uma variedade de atividades que certamente tornam-se a garantia de nunca ficar sem um trabalho, sem ter o mínimo necessário para viver.

Continuando sua narrativa este trabalhador diz:

Trabalhei, fiz calçado, sandália, rasteirinhas, sapato tipo a ver esse aqui, es una miniaturinha que eu fazia desse jeito mais mesmo, você entendeu?[...] Eu aprendi a soldar em prata, trabalhei com pedras, com soldadura de prata na Argentina depois de uma temporada boa no Uruguai, é, tem um balneário muito famoso lá chamado La Paloma, é perto de Punta de Leste. [...]. É, aí eu conheci uma turma de argentinos que trabalhavam muito bem e me envitaram a ir a Argentina a passar uns dias lá e eu fui pra lá depois do verão aí aprendi a soldar prata com eles também e a trabalhar pedras, entendeu? Foi muito, foi muito bom.²⁸

A experiência que transborda de sua narrativa chama a atenção em relação a forma como este trabalhador foi adquirindo conhecimentos para o trabalho. Mesmo sendo formado em psicologia e tendo trabalhado na área, também aprendeu de maneira autônoma, desligada de instituições, saberes que lhe proporcionaram alternativas a seu viver e que nesses 52 anos de vida lhe garantiu sustento.

Estes saberes que não são técnicos, nem se aprendem em cursos, foram desenvolvidos, para além das necessidades que os motivaram, por meio de relações estabelecidas onde experiências foram sendo compartilhadas. Nessa direção, também o Sr. Edwin, ao ser perguntado sobre como teve a idéia de trabalhar com música, diz:

No, lá eu tocava ya, né? Entón de algum, de algum jeito la gente subsistia com isso, né? Agora eu no, eu morava com minha mãe, eu fazia, no começo eu fazia algo como, como couver pra mim mesmo, né? Como algum diversão, mas daí começaram os problemas políticos em Peru aí que eu decidi sair e aí, aí vi que era algo bom, né? Para poder trabalhar e é algo bom que o mundo, o mundo tudo aceitava né? Entón, aí ficou. [...] yo gusta de ficar na rua porque você sempre está en contacto con las pessoas, né? Com todo o tipo de gente, né?²⁹

Trazendo como referência seu viver em família na casa da sua mãe e os problemas políticos no Peru principalmente ligados à crise em que mergulhou este país durante o governo do presidente Alberto Fujimori, este trabalhador transforma algo que para ele inicialmente era uma diversão em uma saída para seu viver. Assim, seu trabalho é firmado nas suas referências culturais ao mesmo tempo em que imprime nele seus valores e a maneira como interpreta o mundo.

²⁸ Idem.

²⁹ Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

É interessante notar que hoje (2007) suas criações são constantes e não se limita à música tradicional de seu país. Ampliando seu repertório ele diz:

[...] hoje por hoy na rua la gente consigue vender muito CD evangélico, né? La gente acostumó tocar música evangélica também porque ali tem una, la pessoa tem una espiritualidad e todo eso viu? Tem muito, muito, hoy por hoy está crescendo o mercado evangélico, a espiritualidad evangélica tá crescendo muito, demais e daí a gente de algum jeito la gente está ajudando, né? Porque, porque como está o mundo tá complicado, né? Tá complicado.³⁰

O que percebo é que este trabalhador não hesitou em inserir em seu repertório músicas evangélicas, o que lhe garante um público diversificado. No entanto, é importante salientar que a constituição de seu público é delimitada por ele a partir da escolha do repertório e do valor que atribui à música que interpreta. Mesmo que aproveite a expansão do mercado de músicas evangélicas, isto não ocorre de forma aleatória com vistas apenas ao lucro, pois este estilo de música tem para ele um significado, afinal por meio de seu trabalho “de algum jeito la gente está ajudando, né? Porque, porque como está o mundo tá complicado, né? Tá complicado”³¹. Em seu enredo percebo, por tanto, que suas escolhas significam a participação ativa no processo de transformação social e cultural e não apenas uma adaptação.

Além disso, é possível identificar em sua fala a escolha do espaço da rua como um espaço onde as relações, as vivências e as amizades são construídas. Desta forma, o sentido dado a ele não se restringe somente ao mundo do trabalho.

Acredito que quando o Sr. Edwin diz “yo gosta de ficar na rua porque você sempre está en contacto con las personas, né?”³² é possível vislumbrar experiências que, permeadas pelo trabalho artesanal que produz, abre seu mundo a outras pessoas, outros sentidos e culturas, ou seja, a um outro mundo que se encontra com o dele naquele espaço. Este encontro pode significar a construção de relações de companheirismo ao mesmo tempo em que pode significar tensão frente a interesses e valores divergentes.

Insistindo na necessidade de compreender como esses trabalhadores começaram a produzir tais trabalhos percebi que este tema evidenciava-se em algumas narrativas quando relatavam sobre seu modo de trabalhar e de suas produções. Ao perguntar ao Sr. Alejandro sobre como ele teve a idéia de fazer artesanato ele diz:

[...] comecei a fazer artesanato e viajando, andando por diferentes países você aprende diferentes formas de trabajar, é, aqui em Brasil tem um jeito pra trabalhar com artesanato, em la Argentina tem um jeito diferente, é, em Uruguai tem um jeito similar a Argentina, depois tem Chile que tem um jeito similar también, aqui trabalha muito com semente.³³

Sua narrativa permite compreender que trabalhar envolve escolhas feitas a partir de suas experiências de itinerâncias. Em suas andanças esses trabalhadores vão identificando, aprendendo e adaptando diferentes formas de trabalho. O artesão Marcelo, ao falar sobre

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

como começou a trabalhar com artesanatos, permite vislumbrar este agregado de experiências diversificadas que constitui o produto final de seu trabalho:

[...] personalmente eu comecei trabalhando o couro porque Uruguai es un gran productor de couro, entonces lá você tem todo lo referente ao coro muito barato, é, e o mercado lá siempre foi bom, sobre todo com o turismo, são coros de boa qualidade los uruguayos, entendeu? Aí no verão mais que nada e por aí nas lojas do centro você faz uma produção de bueno, boa qualidade de bolsa, de sandálias artesanais, todo aquela linha, né? Bilheteira, portadocumentos, sei lá, de todo, é, e você colocava bem, colocava bem todo aquilo, é, você por exemplo, é, viaja a sul de Argentina e lá eles mexem mais com pedras. Você vai norte de Argentina eles mexem mais com tear porque estão mais perto da Bolívia, daquelas tradições, você nota, nota essas coisas. Vem pra Brasil tem muita semente, lá não temos, lá se paga muito bem se eu levo a semente que tenho aqui todo mundo vai me comprar, entendeu? Agora eu posso cobrar los precios lá que eu não posso cobrar aqui, entendeu? Este, é así mismo cada região tem a sua peculiaridade sim. Vamos supor, los baianos e los nordestinos, é, tem uma tradição de trabalhar com tear, pero eles fazem unos trabalhos que vem, são de cultura africana, são aqueles que se chamam olhos de deus, eu não sei se você está ligada, que fazem também em centro América. São muitos coloridos, tipo rombos, tem exágoros multicoloridos, que eles vem de una tradición espiritual, espiritista, para chamar espíritos bons e todo aquele historia do candomblé e muitos bonitos, muito bonito. Fibras vegetais, lá no vai ver, em Argentina não vai encontrar muita gente que trabalhe capim dourado, palha, entendeu?³⁴

Ao narrar sobre a diversidade de produções, sua narrativa trouxe à luz uma diversidade cultural. Além disso, fico pensando como seu trabalho impulsiona suas andanças, afinal certas produções possuem valor diversificado em cada região. Como diz o Sr. Marcelo “[...] eu posso cobrar los precios lá que eu não posso cobrar aqui, entendeu?”³⁵.

Nessa direção, o que percebo por meio das narrativas desses trabalhadores é que a valorização da produção cultural pela população em geral, passou a ser vista como uma oportunidade de vida sendo apropriada e adaptada por esses trabalhadores como um meio de manter seus modos de viver em itinerância, assim como de sobreviver e resistir à exploração do sistema capitalista burlando-o em alguns momentos por meio de seus trabalhos.

Isto significa que as produções artesanais desses trabalhadores latinos não expressam um modo de fazer típico de seus países de origem. Na busca por melhores condições de vida, diferentes modos de produção foram sendo recriados e/ou inventados.

Estes trabalhadores foram aprendendo a produzir trabalho de modo artesanal por meio das relações constituídas e durante suas andanças. Por isso, aquilo que produzem, embora possa possuir características marcantes de determinadas regiões da América Latina, não se constituem como “tradições” congeladas ou restritas que representam esta ou aquela nacionalidade. Há uma mistura de formas de produzir, de matérias e de culturas.

Além disso, percebi também que esta forma de entender o trabalho que realizam enquanto uma arte leva a certa separação entre eles e aqueles chamados de camelôs, ou seja, outros trabalhadores que muitas vezes estão na mesma situação, mas que não produzem “artisticamente” seus próprios trabalhos.

³⁴ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

³⁵ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

Ao perguntar ao Sr. Fernando sobre a fiscalização ele diz:

Não, eu acho que tá, se eles combatessem o contrabando, acho legal isso do contrabando, não tô de acordo contrabando, pirataria e essas coisas, mas um cara que tá com a mão cheia de calo de virar arame, que es cultura, que es, es algo artesanal, que não é importado e nem vendido, o único importado sou eu, entende? Então, é, que os caras vêm querendo reprimir algo que es cultural, que es artístico, que es bonito. [...] Não tem sentido, pra mim não, pra mim não e ainda que a lei brasileira federal nos deixa trabalhar, nos deixa expor nosso trabalho, só que existem leyes municipais que falam que não, entendeu?³⁶

[...] Porque lamentavelmente um no Brasil, no só no Uberlândia senão bastantes regiones do Brasil é o artesão não é visto como artista senão é visto como camelô, aí eles te tratam como camelô... Não sô um camelô, mas eles trata a gente como um camelô e vão cara e eu fico com essa raiva, no?³⁷

O Sr. Fernando busca desligar-se da imagem de camelô. Ao atribuir a seu trabalho o status de “cultura” ou de “arte”, este artesão retira o valor e esquece as necessidades de outros trabalhadores que, assim como ele, ocupam os espaços da cidade. A diferença vai sendo construída a partir do tipo de produto comercializado que denota contrabando ou pirataria.

Já ao conversar com o Sr. Marcelo percebi que ele trazia outros elementos em sua narrativa o que possibilitou ampliar a reflexão sobre esta problemática. Quando lhe perguntei durante uma entrevista sobre a fiscalização, ele respondeu:

[...] eles com os artesãos no, não tem muito problema não, o artesão verdadeiro, no? O camelô tem problema, mas a gente que faz cosas com suas mãos assim criativa, no estilo assim hippie por falar de algum jeito, no? Eles no, no mexem demais, por aí é, eles fazem levantar tudo do lugar pra ir embora así, pero no pega muita coisa de nós e às vezes nem siquiera fala mal da gente ir embora, entendeu? Mas por aí chegam uma turma deles que se tem alguma encomenda e de algum companheiro eles são levados, é não muito mas de qualquer jeito a gente pode se ajeitar pra trabalhar, entendeu? É, fazer alguma coisa mais leve não uma banca tão grande, é levar menos coisa, caminhar, sei lá. Se eles vem por um lado vai pra outro lado, entendeu? Ajeitar a situação, assim dá, dá perfeito e o trabalho sigue rendendo bem pra nós. Mas é triste porque tem muita gente que estão necessitando trabalhar na rua mesmo e unos são pra criar filhos, pra ajudar os nietos o para si mesmo, tem muito aposentado que está ganhando um dinheirinho lá muito ruim e tem muita idade, eu espero na estar assim quando tenha 70, 80 anos, e eles estão fugindo e sendo incomodados, entendeu? Já chegar ao centro lá es um sacrifício pra eles, o calor e tem esse cara que eu te falei que pegaram o banquinho, o senhor, ele tem oitenta e tantos anos e ele é grandão e dois por três ele se marea lá no centro, já vimos caer ele duas o três vezes, no é mama?³⁸

Deste modo este trabalhador, assim como o Sr. Fernando, desliga-se dos chamados camelôs por meio da idéia de que seu trabalho é criativo, pois é produto de suas próprias mãos. No entanto, ele reflete sobre os problemas vividos pelos trabalhadores que estão nas ruas da cidade, trazendo assim a possibilidade de pensar esta situação enquanto um

³⁶ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

³⁷ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

³⁸ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

problema social e não apenas ligado ao contrabando, à pirataria ou à falta de criatividade desses outros trabalhadores.

Sua narrativa permite refletir sobre as condições impostas a estes trabalhadores que, em alguns casos devido à idade e em muitos devido ao desemprego, se submetem a viver tendo que fugir de fiscais e policiais como se fossem culpados por suas condições de trabalho. Fiquei pensando quais os limites desse modo de viver em itinerância principalmente para os com mais de sessenta anos ou para aqueles que têm filhos na idade escolar.

Entrelaçado aos limites há os sonhos que os fazem continuar enfrentando as dificuldades de trabalhar nas ruas da cidade. Embora este trabalho realizado nas ruas lhes imponha entraves, e ao mesmo tempo leve à persistência diante dos embates, é possível pensar até que ponto tais atos não são alimentados por expectativas de outras mudanças para além daquelas vividas no tempo imediato, isto é, no tempo dos embates das relações de trabalho, nas disputas pelos espaços da cidade. Nesse sentido, fiquei pensando: quais as expectativas de futuro que são alimentadas quotidianamente por esses trabalhadores? O que esperam sobre o que é possível mudar neste tempo presente?

É possível identificar que, vinculada às suas expectativas, está o desejo de mudanças nas leis que regulamentam o ir e vir entre os países. Por meio da mudança nessas regulamentações os conflitos possivelmente não estariam sendo vividos desta forma, mas seriam refeitos em termos que suas ações nos espaços públicos das diversas cidades poderiam não mais ser vistas como atos de transgressão.

O enredo do artesão Marcelo traz os componentes desses seus sonhos e utopias. Ainda que de forma implícita, percebo que ao falar de seu trabalho este sujeito fala de expectativas de futuro, seja com base nas dificuldades presentes ou no projetar o futuro tendo como referências os afetos familiares, a vida dos filhos e netos e daí a necessidade de continuar o trabalho, para que a vida deles seja a mudança, isto é, a possibilidade de materialização no futuro dos sonhos projetados a partir desse presente vivido. Além disso, ele trabalha em função da perspectiva de que “espero na estar assim quando tenha 70, 80 anos, e eles estão fugindo e sendo incomodados, entendeu?”³⁹, situação sempre presente em seu dia-a-dia e que certamente delimita seus sonhos e a projeção para um futuro mais tranquilo, sem perseguições.

Continuando sua narrativa, o Sr. Marcelo possibilita aprofundar esta reflexão ao dizer:

[...] se te pegam te levam coisas, não os artesãos já falei, mas gente que vende guarda-chuva, agora com a gente dos passes, um negócio incrível e bueno, depois tem aquela história que por aí tá certa, né? Gente que contrabando do Paraguai, sei lá. Aí, por aí hasta eu dou a razão pra eles, né? Aunque é um tema pra tratar também, hayuá. [...] Se você abrir a Paraguai está abrindo a mercado chinês e o Brasil tem crescer, entendeu? Aí tem que tomar medidas e isto está certo, mas também não é só a repressão, tem que dar trabalho, né? Educação também e saúde.⁴⁰

³⁹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

⁴⁰ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Trabalhadores, brasileiros ou não, embora possuam suas diferenças são submetidos a condições similares de vida. Estes trabalhadores, artesãos ou não, não estão isolados, seguem seus caminhos construindo relações mesmo que certo status possa ser colocado como entrave a uma identificação de grupo. Embora possam se encontrar em condições diferenciadas, acredito que o interesse em comum de permanecer nestes espaços, de continuar seus trabalhos e garantir o viver os uns em certos momentos, criando um campo de experiências compartilhadas, onde há um horizonte comum entre eles.

Além disso, ao tratar esta problemática de uma separação entre os artesãos e os considerados camelôs não posso deixar de lado o fato de que não são todos os trabalhadores latinos que produzem trabalho artesanal, há também aqueles que trabalham revendendo diferentes tipos de produtos.

Entre estes trabalhadores está o Sr. Isaías. Ao lhe perguntar como ele resolveu trabalhar com os CDs ele diz:

Não porque esses, esses negócios de vender coisas assim de forma ambulante, pode ser CD, pode ser capa de celular, pode ser qualquer coisa, né? Isso no, não é importante, o importante é que eu estou assim trabalhando por que yo com minha idade, já quase 50 anos é muito difícil arrumar emprego, né? É muito difícil e, entón a gente termina inventando alguma coisa pra fazer para continuar sobrevivendo, né? Entón, aí cai, vamos dizer que, inevitavelmente, cai na informalidade, como se diz. [...] por que eu ficando desempregado eu resolvi fazer alguma coisa para sobreviver, então, aí eu entrei nessa história de vender alguma coisa, né? Vendia capa de celular, depois vendi CDs e agora estou vendendo esses CDs de música andina, né? Muitas coisas já vendi claro, né?⁴¹

Na busca por alternativas para seu viver, este trabalhador foi criando e diversificando formas para trabalhar na rua. Sua narrativa leva a refletir sobre as variadas formas buscadas pelos trabalhadores para garantir sua sobrevivência e como os problemas como de desemprego não são individuais, mas sociais, e que por isso não podem ser resolvidos por ações isoladas ou simplesmente através da retirada dos trabalhadores das ruas, negando-lhes o direito ao trabalho, escondendo-os em outros espaços, como muitas vezes querem os grupos dominantes.

Ao conversar com estes trabalhadores sobre seus modos de viver pude perceber que a produção desse trabalho artesanal e autônomo na luta contra a exclusão e por seus direitos enquanto cidadãos e trabalhadores mostram as fronteiras sociais de uma sociedade desigual e excludente.

Os limites desse modo de viver ficam evidentes na narrativa do Sr. Isaías quando lhe pergunto sobre possíveis dificuldades econômicas e ele diz:

No, isso aí yo no vi, eu vim com um pequeno dinheiro, né? Mas depois, é, os problemas sociais do Brasil vão absolvendo a gente, a gente vai entrando em todas, em todas as vivências que o brasileiro tem, né? Dificuldades, às vezes tem dinheiro, às vezes tem, às vezes não tem. Entón, a gente vai se incorporando aos problemas do lugar onde está morando.⁴²

⁴¹ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

⁴² Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

Em outra entrevista, ao lhe perguntar sobre o mesmo problema ele diz:

Eu, eu, eu, eu vou cumprindo, né? Eu não faço compromissos, não faço compras assim, eu não tenho grandes dívidas, né? Então, por isso eu vou cumprindo, eu vou mantendo meus compromissos, não há problemas. Não dá pra ajudar os filhos, né? O problema é esse, não dá pra ajudar os filhos, pelo menos o mais novo, né? De vez em quando eu mando algum dinheiro, 100 reais, 150 reais, mas nem sempre, mas pra mim dá, pelo o que eu consumo, né? Pelo que eu gasto dá.⁴³

Se muitas vezes o trabalho que eles consideram autônomo e suas itinerâncias na busca por melhorias são a saída encontrada para sobreviver, não podemos esquecer que também possuem seus limites. Fico pensando em quais condições estes trabalhadores vivem nos períodos em que os fiscais não lhes permitem ocupar as ruas como espaço de trabalho ou quando vai chegando o fim do mês e a maioria da população tem que economizar, evitando assim gastos que não são considerados importantes para a família naquele momento.

Ao mesmo tempo, seus sonhos e expectativas são projetados sobre os filhos, estando em diálogo constante com este tempo presente, sendo expressos em seu enredo ao falar e significar as diversas experiências vividas.

Assim como para o Sr. Isaías também para a Sra. Norca os problemas financeiros estão presentes. Ao lhe perguntar sobre possíveis dificuldades ela diz: “A dificuldade mesmo es de morar em casa alugada, o mês chega rápido tem que pagar, dispensas, van escolar de minha filha, passagem para o viagens, separa espacios para trabalhar nos exposições, es muito forte as dispensas aqui”⁴⁴.

Sua narrativa traduz as condições que lhes são impostas, porém é importante destacar que os problemas apontados não delimitam apenas a situação desses trabalhadores latinos, mas abre a possibilidade de refletir sobre quais as condições em que outros trabalhadores vivem. A casa alugada, o mês que termina com rapidez dando impressão que será quase impossível “vencer” as contas, o transporte com preços abusivos, etc., são problemas vividos pelos trabalhadores em geral.

Para além das dificuldades, percebi que nem todos vivem da mesma forma a itinerância. Em uma entrevista realizada com a Sra. Norca em sua casa, pergunto sobre as possíveis dificuldades em estar no Brasil com o visto vencido, e ela responde:

Tudo, com tudo. É, tem que seguir así mesmo, trabalhando. Se fica sin trabalhar também no, no pode, no pode vivir, no pode comer nada, alimentar, alimentarse, o mais que tem crianças também um, se, se ser, por exemplo, meu esposo e eu pode trabalhar, até não ter uma casa, né? Viajando, fica nas festas, fica nas barracas, es muita gente que faz isso, mas tendo crianças es mais responsabilidade, muita responsabilidade, tem que, mais um trabalha por eles también, se, se sacrificam mais.⁴⁵

⁴³ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

⁴⁴ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

⁴⁵ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 14 de abril de 2006.

A Sra. Norca evidencia um horizonte de classe em que as dificuldades não estão colocadas apenas para os estrangeiros, mas são vivenciadas por todas as pessoas que trabalham como ela.

Uma forma possível de contornar o problema do aluguel é apontada por ela como o uso de barracas durante suas viagens. No entanto, o que percebo em sua fala é que sua experiência de vida em itinerância é demarcada pelas responsabilidades com a família, com a filha. Por isso, não viaja tanto quanto os outros trabalhadores latinos.

Quando lhe perguntei se o modo dela viver aqui é diferente de como ela vivia no Peru ela diz:

É, é diferente mesmo. Porque lá estava junto com minha família, em casa e hoje no, né? Porque meu esposo fica viajando, eu fico em casa. Ele viaja así fica uma semana longe depois venha a casa três dias así logo ele vai embora de novo⁴⁶.

[...] eu fico aqui em casa, eu fico em casa aí, por exemplo, sexta, sábado e domingo posso ir ajudar a ele quando a cidade es perto, se es longe não dá, não dá pra ir, ele fica sozinho o vem outra pessoa quem ajuda ele.⁴⁷

Interpreto seu enredo como uma possibilidade de compreender o papel e a contribuição das mulheres para que este modo de viver seja assegurado. É a mulher que “segura as pontas” enquanto o homem viaja a trabalho. É ela que ao longo da semana cuida da casa, da filha, da alimentação, garantindo assim que seja possível a reprodução deste trabalho. Sua opção em acompanhar seu marido em suas viagens apenas nos finais de semana e ficar em casa nos demais dias ancora-se em seus valores morais e éticos, em um compromisso com a família.

Percebendo as dificuldades vividas por esta artesã perguntei-lhe se ela gostaria de fazer outro trabalho e ela disse:

Aqui para mim es muito difícil achar outro trabalho, es difícil. É, eu tento ficar com esse trabalho mesmo assim, com esse eu mesma que faço e es mais fácil, né? Para ver a minha filha também aqui em casa, ela vai na escola, tenho que ficar fazer almoço e mandar ela na escola.⁴⁸

Seu enredo é tecido a partir dos sonhos que projeta no futuro daquilo que busca mudar no presente. Mesmo conhecendo todos os limites, esta trabalhadora persiste, pois sabe que só assim é possível continuar seu viver e o de sua família. Por isso continua sua luta, busca alternativas que lhe possibilitem viver, mesmo que em alguns momentos possa apenas conseguir sobreviver.

Ao perguntar ao Sr. Marcelo sobre possíveis dificuldades para ficar no Brasil ele diz:

O você entra na porta brilhante e o Brasil é todo azul, entendeu? O todo rosa, não sei como que falar. Tudo bonito, tudo legal, lindo...

P: Cor-de-rosa.

Ah, isso aí. O é terrível, o é terrível, eu já conheço gente que morreu aqui, foi apanhado e otro que foi roubado e otro que piró, conheço gente que piro,

⁴⁶ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

⁴⁷ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 14 de abril de 2006.

⁴⁸ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

uruguaio estou falando. É, e tem muitos otros que se diran de boa mesmo, entendeu? É, gente que tem organizado, por exemplo, em São Paulo um taller, una oficina com operários montando bijuterias, vendendo nas lojas com unos cartões assim de, de fregueses e pá e carros e pi...⁴⁹

Sua narrativa permite refletir sobre a dimensão utópica e trágica da experiência de viver em itinerância que se articula com a experiência de fazer-se trabalhador. Mesmo tendo o desejo de dar “de boa mesmo... vendendo nas lojas com unos cartões assim de, de fregueses e pá e carros e pi...”⁵⁰, ele tem consciência que esta “porta brilhante”⁵¹ não se abre a todos.

Contrariando muitos entusiastas da globalização que vêem nela a possibilidade mesmo de intercâmbios culturais, percebo, ao refletir sobre as experiências desses trabalhadores, a necessidade de questionar este processo de globalização. Afinal, para muitos trabalhadores, este mundo globalizado apenas significa a exclusão do direito à cidadania na diferença.

A globalização que é apresentada por muitos como um meio de estimular a “interculturalidade” significa muitas vezes a reprodução da exclusão social, pois mesmo rompendo fronteiras não desarticulou a divisão social do trabalho. Deste modo, fronteiras geográficas são rompidas para que, mais à frente, fronteiras sociais sejam recolocadas.

No entanto, apesar das dificuldades e dos limites deste modo de viver, compreendo que as tensões vividas geram ações estratégicas por parte desses sujeitos que criam diversas alternativas para continuar suas vidas mesmo diante de adversidades.

Sujeitos ativos no processo em que vivem não se resignam apenas a sobreviver. As estratégias que criam e as alternativas que buscam mostram que estes trabalhadores continuam sonhando com um viver melhor, mais digno, onde seus direitos básicos sejam respeitados.

Ao longo deste trabalho muitos foram os desejos, sonhos, angústias e temores que estes trabalhadores expressaram no decorrer das gravações de suas narrativas. Embora possa haver uma multiplicidade de vontades e valores, acredito que o que cria uma identificação entre os diferentes trabalhadores latinos são seus modos de viver em itinerância, de lutar por seus direitos enquanto cidadãos sem ter uma pátria, de não serem considerados “ilegais”. Este viver envolve a família, os amigos, os companheiros de trabalho, ou seja, outras relações para além daquelas que se ligam diretamente ao trabalho que produzem.

Andar, rompendo as fronteiras geográficas e lutando contra as fronteiras sociais que se interpõem entre os trabalhadores e seus desejos e necessidades, é um modo de viver que os leva a agirem em busca de seus direitos nas sociedades onde alguns poucos estabeleceram de antemão a quem caberiam os direitos que eles mesmos delimitaram.

Referências

BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

⁴⁹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: HOLLANDA, H. Buarque de (Org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Tema: Cidade. n. 23, p. 94-115, 1994.

_____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FUENTES, Carlos. Os Estados Unidos hispânicos. In: _____. **O espelho enterrado**. Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2001.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. **Da diáspora**; identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, v. 1; 2001, v. 2; 2002, v. 3.

MARCO estratégico para Unesco no Brasil. Brasília, out. 2006. Disponível em: <http://www.unesco.org.br/publicacoes/livros/marcoestrategicoUNESCO/mostra_documento>. Acesso em: 23 jan. 2007.

WILLIAMS, Raymond. Tradições, Instituições e formações. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 118-123.

Artigo recebido em 31/05/2010

Artigo aceito em 31/08/2010